

R-2244
ARQ/POR
Sic

Sic memorat

Estudos em Homenagem a
Teresa Júdice Gamito

Organização de

João Pedro Bernardes

Arte, Literatura e História



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

2008



O MEDITERRÂNEO EM VÉSPERAS DA ISLAMIZAÇÃO

Cláudio Torres

Para os lados do extremo Ocidente do Mediterrâneo e seguindo as correntes migratórias, a tradição situava a Atlântida, um dos mitos mais perenes da Antiguidade. Essa ilha de todos os sonhos, alimentada pela literatura de mistérios, onde uma sociedade opulenta se teria afogado na sua própria luxúria, pode hoje ser localizada facilmente na quase ilha Ibérica, como era vista a península pelos navegadores vindos da costa africana.

A visão do Sol que no seu ocaso faz correr o ouro derretido, está profundamente enraizada em toda a civilização mediterrânica e tem a ver com permanentes e muito antigos percursos de cabotagem, eles próprios portadores de outros mitos e outros poderes de origem levantina. É curioso constatar que, ao contrario destes deuses cósmicos, as divindades rurais, cada uma delas com uma função específica, tomavam as formas mais variadas, adaptando-se aos ciclos de fertilidade da terra, para assegurar o milagre da germinação e a boa colheita. Como hoje sucede no Cristianismo popular e camponês, o seu conteúdo é afinal profundamente politeísta, com cada santo, muitas vezes no papel de demiurgo local ou regional, a interceder directamente, como especialista, no controlo das chuvas, na saúde e bem estar das pessoas.

As grandes religiões monoteístas mediterrânicas surgiram sempre no seio de comunidades de mercadores herdeiros dos antigos fenícios, homens de negócios de Alexandria e do Mar Vermelho. Aliás, é curioso que esta tendência para o monoteísmo se confunda quase sempre com visões do mundo mais abstractas,

com representações simbólicas mais geometrizantes que, de certa forma, enfrentam e contradizem a sempre tentada representação naturalista, apanágio das comunidades rurais mais alheadas das místicas intelectualizadas urbanas. Nos primeiros tempos de expansão do cristianismo, seguindo um caminho que começara a ser percorrido nos últimos tempos do Império Romano, as primeiras representações iconográficas estilizam-se ou geometrizam-se, chegando mesmo algumas correntes mais radicais a enveredar por um iconoclasmo que, de certa forma, anuncia e acompanha a linguagem plástica do Islão nascente.

Na expansão do Cristianismo para Ocidente destacam-se nitidamente duas vias principais. Por um lado, a imposição constantiniana que torna o Cristianismo religião obrigatória, afectou sobretudo as classes dirigentes, consolidando os centros episcopais e os mosteiros rurais onde prevaleceu um certo revivalismo naturalista do Império perdido.

O outro caminho da expansão cristã, mais lento, mas talvez mais profundo, acompanhou as rotas do comércio marítimo, fundiu-se nos velhos ritos populares dos mistérios, penetrou no seio de escravos e libertos, associou-se a outros movimentos de salvação e culto dos mortos, implantou-se solidamente nas cidades portuárias, alongando-se pelos trilhos dos mercadores e almocreves. São assimilados outros cultos que passam a integrar os atributos dos muitos santos que vão proliferando no hagiolégio cada vez mais complexo das heterodoxias cristãs que povoam nessa altura todo o Mediterrâneo.

O cristianismo áulico bizantino, que também ditava a ortodoxia, movia-se em torno das cortes imperiais ou papais ordenando-se numa multiplicidade de personagens e intermediários. As suas cerimónias e paramentos eram envolvidos num brilhante e colorido naturalismo vegetalista em que os modelos, apesar das diferenças de estilo, pretendiam atingir a grandiloquência do antigo Império. Neste ambiente aristocrático, a corte terrena reproduzia necessariamente a celestial, num sistema hierarquizado de valores, de brocados e pedras preciosas, onde uma pirâmide de heróis e santos era encimada por uma tríade divina.

Nos meios mercantis das cidades do Sul (como Alexandria, Antioquia, etc.) tornam-se dominantes os valores do indivíduo que, pelo seu esforço pessoal, pode enriquecer e portanto ascender socialmente. A valorização individual

cria também um relacionamento directo com a divindade, reforçando o poder abstracto e isotérico do monoteísmo. Desta forma, era inevitável uma profunda divisão entre estes dois mundos. Assim, a área de influência de Alexandria, tenderia a organizar-se em torno de correntes fortemente monoteístas onde era dominante a ideia de um só Deus absoluto e uma só natureza. Ao rejeitarem a Trindade, os adeptos dessa doutrina, centrada maioritariamente no monofisismo, acusavam os cristãos bizantinos de politeístas, acusação que curiosamente vai ser repetida uns tempos mais tarde pelos muçulmanos.

Na Ifrikia (Norte de África) e sobretudo na Península Ibérica dos séculos VI e VII proliferam nas cidades portuárias algumas heresias hostis ao catolicismo oficial de Roma e do Império Bizantino e que, de certa forma, preparam a próxima eclosão islâmica.

A expansão do Islão, como antes sucedera com o cristianismo, também segue dois caminhos principais: Por um lado a conquista militar que afecta directamente os poderes políticos e por outro, sobretudo, as rotas do comércio e do intercâmbio marítimos que rapidamente influenciam e convertem as populações mais pobres das cidades. Mais importante que o poder das armas, a irresistível expansão do Islão atravessa todo o Mediterrâneo, acompanhando sobretudo os circuitos urbanos e mercantis utilizados pelas rotas marítimas. A nova religião, ao libertar o crente de uma pesada hierarquia eclesiástica já nessa altura a caminho da feudalização, alimenta o individualismo criativo do mercador, permitindo-lhe resolver as suas dúvidas existenciais em comunicação directa com a divindade suprema.

O mundo rural continua mais conservador e apegado à suas velhas crenças, embora a arqueologia ibérica nos tenha mostrado que durante o século XI, antes dos Impérios magrebinos, alguns pequenos templos rurais foram durante algum tempo compartilhados entre as comunidades muçulmana e cristã. Nos mesmos espaços sacralizados, sempre houve uma sabedoria natural na sua utilização. Apesar de naturais atritos e mesmo de violências, parece ter prevalecido um certo equilíbrio na convivência de comunidades de cultos diferentes.

A história do Mediterrâneo está afinal intrinsecamente ligada às formas de olhar o outro, de respeitar o diferente. É a história de uma cultura milenar onde tem sido vital o equilíbrio hábil de tensões e de saberes.